

LITERATURA INGLESA

MUNIRA H. MUTRAN

Célia Guimarães Helene*

Recapturar, pelo menos em parte, a atmosfera das duas décadas finais do século XIX, com seu fervilhar de idéias e com a convergência de diferentes tendências estéticas, por vezes conflitantes, como romantismo, realismo, naturalismo, decadentismo e simbolismo; visitar Dublin, Londres e Paris revendo figuras de relevo na cena cultural, artística e literária da época e penetrando no universo de suas mentes privilegiadas; empreender essa aventura não por meio de relatos históricos, mas por escritos autobiográficos de alguns desses protagonistas; observar tudo isso do ponto de vista de escritores que, não obstante integrarem o cânone literário inglês, provinham da vizinha Irlanda e eram, portanto, portadores de uma herança celta a par da anglo-saxônica – é o que faz Munira H. Mutran em *Álbum de retratos – George Moore, Oscar Wilde e William Butler Yeats no fim do século XIX: um momento cultural*. E é o que faz também o leitor ao percorrer os diversos relatos retirados de obras autobiográficas que ganham vida e coerência conforme a autora os destaca e os agrupa de modo a formarem o que ela própria denomina “o desenho no tapete” (p.16)

A escolha das décadas de 1880-1900 deveu-se ao fato, enfatizado pela autora tanto na “Introdução” quanto no último capítulo do livro, de que esse teria sido um dos períodos mais influentes do século XIX que, “longe de marcar o fim de uma era ... contém as sementes do que se tornaria o mundo do século XX” (p.221), podendo, pois, ser visto como fundador da modernidade. Nesse cenário de fim de século, marcado pela desilusão, mas também carregado de idéias que transitavam entre Dublin, Londres e Paris, autores irlandeses que viriam a se tornar figuras de grande relevo na literatura inglesa – George Moore, Oscar Wilde e William Butler Yeats –

* Professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Educação da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

procuravam definir suas personalidades e escolher o estilo de representação da realidade na arte e na literatura que mais os satisfizesse e no qual pudessem melhor expressar a inquietante riqueza de sua imaginação.

Para mostrar como essa preocupação ocupava a mente desses escritores, Munira Mutran faz uso de “documentos do eu”, denominação que pode incluir cartas, ensaios, introduções e autobiografias, entre outras manifestações, deixando assim que os autores falem com sua própria voz e provando, por meio de comentários profundos, eruditos e bem articulados, como esses documentos deixam entrever a formação de suas idéias e preferências. Uma das novidades do livro é a utilização de escritos autobiográficos de três escritores irlandeses numa tentativa de definir parte do quadro do final do século XIX, recuperando sua atmosfera cultural e confrontando, pela primeira vez, Yeats, Moore e Wilde.

Após explicitar, na “Introdução”, os objetivos de seu trabalho e o método utilizado para atingi-los, a autora faz, no primeiro capítulo, intitulado “A literatura do eu”, um interessante apanhado do gênero autobiográfico, indicando os teóricos em que se baseou – Philippe Lejeune, George Gusdorf, James Olney e John Sturrock, entre outros – e estabelece uma tipologia, que inclui a autobiografia espiritual, a autobiografia intelectual e a autobiografia que busca definir o eu e o mundo. Para cada um dos tipos que relaciona, Munira Mutran fornece exemplos elucidativos, convidando-nos a penetrar por instantes no universo das vidas de figuras como John Henry Newman, John Bunyan (autobiografia espiritual), John Stuart Mill, Charles Darwin, H. G. Wells (autobiografia intelectual), Harriet Martineau e Ellen Terry (autobiografia que busca definir o eu e o mundo). A par disso, destaca também outras formas de documentos do eu, que compreendem ensaios, prefácios e introduções, cartas, diários e peças críticas.

Mostrando que a autobiografia foi um gênero que floresceu sobremaneira na segunda metade do século XIX, em plena era vitoriana, a autora introduz os textos de Moore, Wilde e Yeats, que nos levarão a um mais profundo conhecimento da evolução de suas mentes criativas. Assim, no capítulo “O retrato do artista em Paris”, acompanhamos por meio de seus escritos autobiográficos, em especial *Confessions of a young man*, a busca da individualidade empreendida por George Moore, que passou, como a de muitos outros artistas, pela fragmentação do eu – aqui a autora evoca, com muita adequação, a imagem de Narciso mirando seu rosto na água. Essa busca, porém, não é apenas a procura de seu eu pessoal, mas, sim, da identidade artística, empreendimento que leva o escritor irlandês a identificar-se com diferentes movimentos – romantismo, naturalismo, decadentismo, simbolismo – para, depois, rejeitá-los, optando pelo realismo, no qual a figura que mais o atraiu foi, sem dúvida, a de Honoré de Balzac. Como a formação e o desenvolvimento artístico de Moore se deu, principalmente, nos anos de sua juventude que passou na capital francesa, vêmo-lo, nas páginas de *Álbum de retratos*, em contato direto com alguns dos grandes expoentes de variadas tendências estéticas que – ao contrário do que, por vezes, se depreende das histórias da literatura – conviveram por algum tempo. Não nos surpreende, pois, que nessa atmosfera de pluralidade fosse difícil encontrar o caminho, mas

surpreende-nos a idéia aventada pela autora de que foi talvez a pintura – Moore tentara ser pintor, tendo então rejeitado o estilo neoclássico – e não a literatura, que despertou o gosto do escritor irlandês pelo realismo, embora, como já dissemos, Balzac tenha sido grande influência, sua “velha paixão”, a “rocha em que Moore construiu sua igreja” (p.108).

A figura polêmica de Oscar Wilde é objeto do capítulo “O retrato do artista em Londres”. Embora também aborde, por inevitável, aspectos pessoais da vida de Wilde, como a sua homossexualidade, Munira Mutran privilegia os textos que mostram a refinada inteligência do escritor e suas idéias a respeito da importância da imaginação, dom que usa até mesmo em seus ensaios críticos e que defende em “The decay of lying”, onde procura mostrar que “o artificial, o artefato ... é mais interessante que o natural” (p.124-5), já que a arte é recriação, e não cópia da realidade, “não imita a realidade, esconde-a” (p.129). Para falar de Wilde, Munira Mutran utiliza-se de vários de seus ensaios críticos, de sua obra *De Profundis*, escrita enquanto cumpria pena no presídio de Reading e, não sem certa ousadia, de seu famoso romance *The picture of Dorian Gray*, que chama de “mal-disfarçada autobiografia” (p.131), para tanto escudando-se no próprio romance e em afirmações do autor. Segundo ela, o escritor, “ao criar um romance, põe ali muito de sua personalidade” (p.132). Apenas essa afirmação talvez não bastasse para caracterizar *The picture* como autobiográfico não fora pelas palavras de Wilde em carta de 1894 em que diz: “Fico feliz em saber que você [Ralph Payne, o destinatário] gostou daquele meu livro de estranhos matizes: ele contém muito de mim mesmo” (p.132). Tal como Moore, Wilde revela em *Dorian Gray* sua personalidade fragmentada, pois, ainda em suas próprias palavras, “Basil Halward é quem eu penso que sou; Lord Henry quem as pessoas pensam que sou; Dorian quem eu gostaria de ser” (p.132). Mais uma vez estamos diante da busca da identidade e da complexidade do ser humano, que a literatura de modo geral tão bem retrata. Mais tarde, em seu período na prisão, Wilde tentaria mergulhar em seu próprio eu ou, melhor dizendo, nas “miríades de ‘eus’ [que] nele se abrigavam” (p.152), sendo, talvez, *De Profundis* sua tentativa de chegar ao “eu” verdadeiro. É importante notar também como a autora defende Wilde das críticas a *Dorian Gray*, que o consideram imitação. Para ela, a obra faz parte do “tecido decadente do fim do século” (p.162) e abre caminho para “T. S. Eliot, W. B. Yeats, James Joyce e todos aqueles que refletiram sobre a questão do ato de tomar uma obra e transformá-la com seu talento individual” (p.163).

O “Retrato do artista em Londres e Dublin” aborda a *Autobiography* de W. B. Yeats, com suas reflexões sobre sua obra e a de outros escritores. As décadas de 1880-1901 foram a época de formação do jovem Yeats, anos que passou entre a Irlanda natal e Londres, que odiava (em suas próprias palavras), mas onde muito estudou e muito aprendeu. Vêmo-lo, no retrato traçado por Munira Mutran, como admirador de William Blake, o poeta visionário, que o auxiliou a “cristalizar idéias que já eram suas também” (p.173). Aliás, a tônica do capítulo sobre Yeats consiste em mostrá-lo esforçando-se para separar na tradição as “idéias que só a ele pertenciam” (p.185). Seu espírito profundamente irlandês buscou inspiração, primeiramente, na tradição celta, que procurou reescrever em antologias

de contos de fadas e lendas gaélicas. Após as obras iniciais, de natureza romântica, Yeats, que também se dedicava à pintura, encanta-se com as criações dos pintores pré-rafaelitas, principalmente com “o uso do símbolo, o medievalismo, a melancolia, a paixão, o sonho, o amor não correspondido e o ideal feminino” (p.180). Sua peça *The Countess Cathleen*, remanescente de um milagre medieval, traz fortes características do pré-rafaelismo, sobretudo na combinação de realismo e simbolismo. Aqui, segundo Munira Mutran, dá-se a aproximação de Yeats e Wilde através da “ênfase na predominância da imaginação, do símbolo e do mistério nas artes” (p.194), o que levaria Yeats a considerar a arte simbólica superior à arte mimética (p.204). Tendo encontrado seu caminho, como bem nos mostra a autora, partiu o poeta e dramaturgo irlandês para o que cria ser sua missão: moldar a cera macia da Irlanda, à qual ele, tendo seu “eu” recebido “tantas marcas e tomado uma forma única”, daria forma (p.212)

No capítulo final, “O retrato de um momento cultural: 1880-1900”, Munira Mutran alerta o leitor para o perigo de “querer encontrar igualdades genéricas num tipo de texto que tem por objetivo a diferença” (p.219), posto que traz, mais do que qualquer outro, as marcas da individualidade única de seu autor. Mesmo assim, nos escritos do eu analisados com tanta minúcia e maestria em *Álbum de retratos*, encontra-se o espelho da era vitoriana, época plena de diversidade e complexidade cultural e afeta à discussão e à polêmica, que, por essa mesma razão comporta paradoxos e incoerências inevitáveis (p.227).

Ao retratar toda essa rica variedade, a autora tem o mérito de não se ater aos três escritores que escolheu como objeto principal de seu estudo. Leva-nos a conhecer também obras de autores que os influenciaram ou com que mantiveram algum tipo de contato, pessoal ou artístico. Assim, emergem, por exemplo, as figuras dos irmãos Goncourt, de Mallarmé, Baudelaire e Verlaine, de William Morris e George Bernard Shaw. É assim também que conhecemos a obra *Seráfita*, de Balzac, que trata da questão da androginia (mais uma vez estamos diante do duplo, da fragmentação do eu) e também o pouco divulgado romance *Under the hill*, de Aubrey Beardsley, considerado por Mario Praz “a essência da decadência”, onde são expostos “o crime, as perversões sexuais, o grotesco do ser humano e seus pecados e maldades” (p.142).

Munira Mutran faz, também, interessantes incursões no campo das artes plásticas, como quando descreve, com rigor e riqueza de pormenores, as características da obra pictórica dos pré-rafaelitas, artistas que basearam sua pintura na admiração pela arte dos pintores que precederam Rafael, preconizando “absoluta fidelidade às minúcias da natureza”, a substituição do *chiaroscuro* dos velhos mestres por um “fundo branco no qual cores puras dariam a impressão de cenas surpreendentemente brilhantes” (p.177) e a transcrição da natureza “sem seleção ou rejeição de nada” (p.178).

A abrangência do estudo realizado em *Álbum de retratos* e a sensibilidade com que a autora analisa os textos que escolheu levam-nos a considerar o livro importante contribuição para os estudos literários voltados à leitura de obras à luz do contexto cultural em que se inserem.

Ao mesmo tempo, a preocupação da autora em discutir as relações entre literatura e pintura faz que, como bem assinalou Solange Ribeiro de Oliveira na “Apresentação”, o panorama europeu das últimas décadas do século XIX adquira uma “perspectiva intersemiótica, em harmonia com as incertezas do pós-modernismo e com a queda de barreiras entre as artes enfatizada no mundo contemporâneo” (p.13).

MUTRAN, Munira H.
<i>Álbum de retratos – George Moore,</i>
<i>Oscar Wilde e William Butler</i>
<i>Yeats no fim do século XIX:</i>
um momento cultural.
São Paulo: Humanitas, 2002.